

{ TRAFARIA PRAIA }

.....

DENTRO DA ARTE

Carlos Fortuna

.....

TINHA, PARA MIM, QUE A ARTE SE VIVE DO LADO DE FORA. QUE SE APRECIA, APROPRIA E CONSUME DESTE LADO DE CÁ DE UMA FRONTEIRA QUE SENTI DISSIPAR-SE E DESAPARECER À MEDIDA QUE ENTRAMOS NO *TRAFARIA PRAIA*, EM VENEZA. ANCORADO JUNTO AOS *GIARDINI VENEZIANOS*, O VELHO CACILHEIRO É, AGORA, UM OBJETO ARTÍSTICO... ÀS MÃOS DO INESGOTÁVEL ENGENHO ARTÍSTICO DE JOANA VASCONCELOS E SOB A ILUSÃO DE ENTRAR NO VELHO CACILHEIRO, ENCONTRAMO-NOS, AFINAL, DENTRO DE UM NAVIO-CRIAÇÃO. E FICAMOS ALI, DEMORADAMENTE.

Esta é uma experiência singular, uma situação insólita que se torna tanto mais afável quanto nos rodeiam coisas banais e ambientes (re)conhecidos que nos (re)confortam. A começar pelo velho cacilheiro que, posto à margem da vida, havia sido lançado no depósito da sucata. De repente, por golpe de génio, o destino deste objeto terminal fica suspenso e altera-se. De ferro-velho, às mãos da artista, o *Trafaria Praia* transfigura-se. É feito, agora, de azulejos, de cortiça, de tecidos e de LEDs. O *Trafaria Praia* tornou-se arte. Passo a chamar-lhe *TP*, para sinalizar esta mudança de condição.

Talvez só as cidades sejam as únicas criações que, como o *TP*, se deixam viver por dentro. Vivemo-las intensamente e, nesse gesto, também ele banal, transformamo-las a cada instante. Assim é com Lisboa; assim é com Veneza. Todas as cidades mudam até mesmo aquelas que se enunciam eternas. Porém, mudam a ritmos diferenciados, de acordo com o compasso da

sua vida. Talvez Veneza, que vive de acordo com o caminhar humano, se possa transformar mais lentamente que Lisboa, que vive subordinada à veloz cadência dos motores.

A sereníssima Veneza muda a sua fisionomia de modo intermitente. A sua máscara é, por estes dias, a face da *la Biennale*, essa assinalável vitrina da arte mundial, a que o *TP* pertence e cuja presença altera a perspetiva habitual da cidade anfitriã. O *TP* é, assim, a marca simbólica de Lisboa em Veneza que ajuda, também ela, à periódica mudança da sua paisagem e identidade.

A *barca rinata* intromete-se, com suave harmonia, no regular e intenso tráfego barqueiro entre a *Riva dei Partigiani* e a *Punta della Dogana*, num percurso onde se vislumbram a ilha de *San Giorgio Maggiore* e a *Piazza San Marco*. A cada passagem, altera as cores e o brilho da lagoa veneziana, pontuada de *vaporetti*. Colorido e brilhante, eis o *TP* a intermediar uma artisticamente renovada relação entre Lisboa e Veneza. Sob o signo da viagem, portanto, são as cidades que de novo se tocam, como na sua longa história de urbes sabedoras dos mares, de trocas comerciais distantes, de lugares cosmopolitas de outrora.

A viagem é sempre uma aventura. Assim é também a *ars movendi* de Joana Vasconcelos, que sabe metamorfosear o sentido e o significado das coisas e se expõe, em resultado, a diversíssimos e polémicos julgamentos estéticos, históricos e políticos. Usa, com mestria, uma técnica que põe ao serviço do manuseamento de materiais inesperados – mais de 600 metros de tecido, 7.250 azulejos, 11.000 LEDs, metros e metros cúbicos de cortiça – para, finalmente, lhes sobrepor – à técnica e aos materiais – uma incontida imaginação. E as coisas mudam como aconteceu com o *Trafaria Praia*.

Nem sempre a mudança é clara. Por vezes, muitas vezes, prevalece a ambiguidade. Nesta transfiguração de velho cacilheiro em objeto artístico, o que a biografia social do *TP* tem de mais significativo é o modo como foi culturalmente redefinido e trazido de novo ao uso. Resgatado ao agónico fim de uma vida longa, o navio, ajudado, zarpou de Lisboa, do seu rio Tejo, em ridente manhã de sábado. No início dessa viagem, apontado a Veneza, mostrou-se, garboso, a velhos amigos aglomerados na apertada Trafaria. Festa de despedida? Comemoração de um retorno? Talvez ambas...

A viagem, material e simbólica ao mesmo tempo, seria a sua transmutação derradeira em objeto novo. É esse o estatuto do velho cacilheiro quando (re)surge em Veneza. De ora em diante, não transportará mais ninguém entre a lufa-lufa cidadina de Lisboa e a suburbana Margem Sul do rio Tejo. Agora, encontra-se destinado, tão-só, a desafiar corpos e mentes

e a gerar o prazer e a emoção associados ao princípio da arte. Depois de percorrer este trajeto, o *TP* não morrerá jamais. Permanecerá, eternamente, nas fotografias, nos vídeos, nos catálogos, nos relatos e nas memórias das gentes.

Em Veneza, entra-se no *TP* pelo singelo pórtico que lê “Pavilhão de Portugal”, instalado junto a um ancoradouro encortiçado. A ambiguidade que envolvia a metamorfose do *TP* amplia-se e prolonga-se um pouco mais. O *TP* – que fora navio e é, agora, expressão artística flutuante – é investido também na condição de “pavilhão”. Mas um pavilhão especial, por ser diferente dos outros. A representar Portugal, enuncia-se.

Mas será realmente Portugal que ali está representado? Ou será, antes, Lisboa que, afinal, viera abraçar Veneza? Ou será, ao invés, a leal comunidade da Trafaria que ali se mostra simbolicamente? Todos eles e nenhum, ao mesmo tempo? É preciso abandonar a tentação de decifrar os enigmas. Seria esse, certamente, o avisado conselho da artista. Afinal, é nessa recusa que reside a razão de ser das obras grandes que, desde os tempos do Egito antigo, mais do que serem apenas observadas, têm também, enigmaticamente, o poder de ver quem as está a ver.

Hoje, a arte não se espacializa, nem tem terra própria. Nem “portugais”, nem “lisboas”, nem “trafarias”. Se tiver um chão próprio, ele há de ser movediço. Como a água. Translúcido, transmutável, inconstante. Preso ao chão líquido de Veneza, este *TP* pertence ao universo livre da criação. Nele vão sendo cerzidas relações e linguagens novas. Essa é uma navegação comandada pela Joana Vasconcelos. Com rota artisticamente treinada que, todavia, se renova, conceptualmente, a cada etapa.

A artista, como os sábios *skippers*, conhece o jogo cruzado dos ventos e marés deste oceano revoltado que navega. Desafia convenções e rotas definidas, põe em causa hierarquias, duvida das linearidades dos trajetos. Cultiva, criativamente, as dobras do tempo e do espaço, surpreendendo as fronteiras da criação. E, com isso, faz desaparecer o que separa o exterior do interior. Em arte, o dentro está fora e o fora está dentro.

É, por isso, que o *TP* renascido só existe enquanto um todo. Objetivado. Dentro e fora dele, sentem-se as mesmas ondulações das entranhas fundas do oceano. É como se o brilho do painel de azulejos – o aparente exterior do *TP* a atualizar a silhueta de Lisboa – se projetasse, sem interrupção, no cintilante e desconcertante azul do seu bojo. Feito de tecido, LEDs e espantosas formações eruptivas... Exatamente como se fosse o fundo do mar que começa à superfície que pisamos.

Exatamente, também, como se fosse a profundidade da longa urbanidade de Veneza e de Lisboa que começa na espuma da história. Como decifrar o que está dentro e o que está fora delas? Ambíguas, mostram-se sempre iguais a si próprias, mas estão sempre em magmática e líquida renovação. É isso que nos faz gostar das cidades e dos navios-criação, por igual. Qualquer que seja o ponto da nossa observação, estamos todos implicados na produção e na interpretação da imagem de umas e de outros.

O velho cacilheiro parece ser, agora, uma cidade. Porventura, uma cidade imaginada que, como tal, precisa de ser desmaterializada e tornada pura representação para ser vista e percebida por inteiro. Tal interpretação requer a mobilização de dispositivos estéticos avaliativos que são social e culturalmente assimilados. Lenta e longamente assimilados. É assim que produzimos a arte, geramos a cultura, construímos as cidades. E, mudando-as, a uma e a outras, mudamos o mundo.

Porém, é mais limitada do que parece esta capacidade de gerarmos a mudança. É lenta e difícil a mudança que renova a arte, transforma a cultura e pacifica as cidades. Simplesmente, porque não somos nós que as produzimos e controlamos. Bem pelo contrário, são elas – a arte, a cultura e as cidades – que nos produzem e controlam. E nos conservam no seu interior. Fazendo-nos crer que estamos cá fora, agindo e cogitando livremente.

Tal sucede com a inevitabilidade de só se poder experimentar o *TP* por dentro. Ao contrário do que tinha para mim, começo a julgar que estamos destinados a viver no interior das coisas. É delas que podemos esperar que ocorra a mudança das cidades, da cultura e da arte em que vivemos. Essa é a grande função histórica e enigmática da arte, das artistas dos artistas.